

**Das Torres Gêmeas ao autismo: cotidiano, dramas e desafios da primeira década  
do século XXI em *Querido John*, de Nicholas Sparks**

**From the Twin Towers to autism: everyday life, dramas and challenges of the first  
decade of the 21st century in *Dear John*, by Nicholas Sparks**

César Martins de Souza<sup>1</sup>

Neide Rodrigues de Sousa<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará

**Resumo:** O século XXI foi iniciado com profundas transformações provocadas pelo ataque às Torres Gêmeas que desencadearam ações de governos e países, afetando a vida de milhões de pessoas. A análise de uma obra literária que alcançou milhões de cópias vendidas e foi utilizada para embasar um filme de *Hollywood*, *Querido John*, de Nicholas Sparks, nos possibilita adentrar nos dramas cotidianos dos personagens que tiveram suas experiências profundamente afetadas pela guerra. Temas importantes são abordados na obra, como autismo, educação especial, amores, trabalho, problemas familiares, guerras e nos permitem pensar sobre os conflitos do século XXI e como os diferentes sujeitos reelaboram suas vidas em um mundo marcado por rupturas e reconstruções, anunciadas logo no começo do novo século, abalando as vidas de diferentes populações em todo o planeta. O cotidiano e as relações familiares de autistas ganham destaque especial em *Querido John*, permitindo aos leitores repensar conceitos e preconceitos da sociedade e refletir sobre como a liquidez do século XXI afeta profundamente a vida de pessoas com autismo e como a guerra desconstrói temporalidades e perspectivas nas sociedades afetadas.

**Palavras-chave:** Autismo; Torre Gêmeas; Nicholas Sparks; século XXI.

**Abstract:** The 21st century was started with profound transformations caused by the attack on the Twin Towers, which triggered actions by governments and countries, affecting the lives of millions of people. The analysis of a literary work that reached millions of copies sold and was used to base a *Hollywood* movie, *Dear John*, by Nicholas Sparks, allows us to enter into the dramas of the characters in their novels, daily life, economic activities that had their experiences profoundly affected by the war. Important themes are addressed in the work, such as autism, special education, love, work, family problems, wars and that allow us to think about conflicts in the 21st century and how different subjects rework their lives in a world marked by ruptures and reconstructions, announced right at the beginning of the new century, shaking the lives of different populations across the planet. The daily life and family relationships of autistic people gain special prominence in *Dear John*, allowing readers to rethink society's concepts and prejudices and how the liquidity of the 21st century profoundly affects the lives of people with autism and how war deconstructs temporalities and perspectives in societies affected.

**Key-words:** Autism, Twin towers, Nicholas Sparks, 21st Century.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em História/UFPA, Mestre em Antropologia/UFPA. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente desenvolve Estágio Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Bragança, ambos da UFPA. Investigador Externo do Centro de Estudos de la Argentina Rural/Universidad de Quilmes-Argentina. Editor-Chefe da Nova Revista Amazônica/UFPA.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFPA. Mestra em Psicologia -Teoria e Pesquisa do Comportamento pela UFPA. Professora do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) /NEB /UFPA. Professora Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Pará - UFPA/Campus Universitário de Bragança. Coordena o grupo de pesquisa GEPDAD.

**Recebido em 26 de março de 2023.**

**Aprovado em 15 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

A obra *Querido John*, de Nicholas Sparks (2017), é construída no sentido inverso ao que é focado no filme homônimo, baseado no livro, pois traz como pano de fundo um romance e como tema central as profundas transformações vivenciadas por diferentes pessoas nos Estados Unidos, que tiveram de conviver com guerras, conflitos sociais, preconceitos e tentativas de construir experiências positivas, mesmo quando precisaram renunciar a sonhos e desejos, devido a intercorrências históricas.

Livros que atingem elevada popularidade são muitas vezes olhados com desconfiança por boa parte da crítica especializada. *Querido John*, escrito por Nicholas Sparks, um conhecido autor de obras populares, com montagens cinematográficas em Hollywood, alcançou rapidamente um grande público, se tornando um *best seller* com milhões de cópias vendidas em lojas de departamentos, livrarias e bancas de revistas. Na concepção de Eco (1994), o que torna uma obra importante para análise é a possibilidade de provocar diálogos sobre temas importantes da sociedade, trazendo a reflexão que possibilita alimentar debates.

*Querido John* é uma obra que traz esta possibilidade, pois nos permite pensar sobre um tempo específico, a virada do século XX para o XXI, e também para além deste tempo, devido a sua abordagem sobre temáticas importantes para a sociedade, como o autismo na infância e na vida adulta, assim como sobre os dramas de jovens que se veem obrigados a se tornar adultos em mundo marcado por profundas transformações.

Através do pai de John, o Sr. Tyree, podemos olhar para adultos com autismo que nasceram em outros momentos, que lhes impunham maiores limitações, menos suporte profissional e aceitação da sociedade, sem falar na ausência de diagnóstico que os forçou ainda mais a conviver (como crianças, adolescentes e adultos) em um mundo excludente e que não olhava para os direitos e especificidades de pessoas neuroatípicas. Crescer, estudar, trabalhar, namorar, casar se constituem etapas da vida consideradas importantes pelas sociedades ocidentais, e a obra em questão possibilita olhar para adultos com autismo que não tiveram a experiência de receber orientação e acompanhamento necessários, nem tiveram garantia de direitos sociais.

De outro lado, o personagem Allan, filho de Tim, que vem a ser marido de Savannah, ex-namorada de John, traz o contraponto das crianças que cresceram nos Estados Unidos no século XXI e que contaram com o apoio de processos educacionais e de políticas sociais que consideram suas especificidades e direitos. Em Allan e no Sr. Tyree se evidenciam as transformações na sociedade, no tocante ao autismo, e a obra se desenvolve trazendo um debate sobre os direitos das pessoas neuroatípicas, enfocando as que se encontram no espectro autista.

Assim, o presente artigo analisa o cotidiano dos personagens com autismo, dos soldados nas guerras e de um mundo marcado pela liquidez (BAUMAN, 2005) e pela efemeridade, provocando nos sujeitos a busca de um lugar para si num contexto excludente, intolerante e discriminatório em momentos marcados por profundas transformações.

O ataque às Torres Gêmeas, ocorrido em 11 de setembro de 2001, atravessa a narrativa e marca a vida das personagens, de modo que em *Querido John* (SPARKS, 2017) podemos olhar para o tempo histórico específico, sem perder de vista que a obra traz temáticas que atravessam outros tempos, ao dialogar sobre dramas e experiências humanas.

### **1. Entre guerras, romances e trabalho social**

Em *Querido John* se abrem novas possibilidades de olhar para um período próximo que interconecta nossas próprias memórias às ativadas pelo narrador-protagonista. Para Umberto Eco (1994), uma obra literária permite dialogar sobre temáticas importantes para a sociedade, independentemente do fato de atenderem a públicos mais diversificados e maiores; pois, segundo a análise deste autor, tais obras não deixam de ter méritos na abordagem sobre temáticas importantes que podem ser analisados com cuidado e seriedade.

Para Eco (1994), as obras literárias são pensadas para leitores-modelos, que são o seu público-alvo principal. *Querido John* traz como leitores-modelo pessoas que preferem leituras com muitos diálogos curtos e geralmente com a força imagética contida nas falas dos personagens, sobretudo na fala do narrador que, neste caso, é onisciente e o protagonista da obra.

Neste livro as narrativas ficcionais se entrecruzam com eventos históricos e memórias do começo do século XXI, que provocaram profundas mudanças na vida de pessoas comuns, como as personagens que muitas vezes desejam apenas cuidar de suas

propriedades urbanas e/ou rurais, namorar, passear, viver sua juventude ou velhice, ajudar ou prejudicar outras pessoas. Este é o foco narrativo central da obra, como um convite a não esquecer o que geralmente se ignora no tocante às guerras: que as vidas de pessoas comuns são profundamente afetadas e transtornadas.

Sarlo (2016) chama atenção para a literatura como um lugar de memórias que pode abrir janelas para revisitar experiências e dialogar com momentos históricos a partir do olhar de quem vivenciou estas temporalidades e trouxe um ângulo dificilmente encontrado nas narrativas que se consolidam na sociedade. Em sua visão, muitas obras literárias “são obstáculos levantados contra o convite ao esquecimento” (SARLO, 2016, p. 32).

Apesar de a obra *Querido John* remeter a temporalidades específicas, o final do século XX e sobretudo o começo do século XXI, marcado pelo ataque às Torres Gêmeas e por uma série de transformações no mundo contemporâneo, nos possibilita também problematizar questões que atravessam diacronicamente diferentes tempos, do presente, passado e futuro, como o cotidiano de pessoas com autismo, os relacionamentos familiares, identidades, amizades e romances em meio à guerra. Na visão de Bakhtin (2017), se uma obra literária está presa a uma temporalidade específica, sem provocar o diálogo entre presente, passado e futuro, está fadada ao esquecimento e conseqüentemente ao desaparecimento, pois a literatura seria um elemento de conexão entre temporalidades. Assim, o diálogo com o tempo, que atravessa toda a narrativa, permite pensar, sem incorrer em anacronismo, sobre diferentes temporalidades, com a perspectiva de analisar o desenrolar de experiências e dramas humanos.

O enredo traz memórias históricas recentes que remetem à virada do século XX e as perspectivas que se desenham para o mundo atual. Em sua visão sobre este período, Hobsbawm (2007, p. 47) afirma que vivemos “a perspectiva de outro século de conflitos armados e de calamidades humanas”. O tempo narrativo se debruça nos ataques às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, em 2001, que traz metamorfoses à vida dos personagens, pois o século começava com conflitos armados e calamidades.

Quando se fala nos ataques às Torres Gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, raramente se traz as vozes de quem tinha outros planos quando teve de partir para a guerra, como ocorre com o protagonista da obra. A mídia nacional e internacional, quando traz as falas destas pessoas, em geral foca nas tragédias de quem sofreu com perdas familiares (CARVALHO, 2005), mas é necessário entender também os dramas de quem teve de viver a experiência dos conflitos internacionais sobre suas

próprias existências e mesmo quando, em princípio, não desejassem participar destes acontecimentos, tiveram de se deparar com eles.

A literatura é, portanto, este campo de memórias e narrativas que pode nos trazer para o centro de eventos por ângulos que não teriam como ser revisitados a partir da documentação oficial. Como escreve Darnton (1990), sobre a Revolução Francesa, em *O beijo de Lamourette*, às vezes somos conduzidos a determinados momentos da história, como se mergulhássemos em sonhos ou pesadelos. Essa é uma das incômodas sensações provocadas por *Querido John* em pessoas que tomavam café-da-manhã em 11 de setembro de 2001 e assistiram ao vivo o ataque do segundo avião contra as Torres Gêmeas, pois somos todos convidados a reviver aquelas cenas e sentir a dor das pessoas que foram colocadas em meio a uma guerra no Afeganistão, assim como as ocupações que se seguiram à falta de perspectivas e de planos imediatos, como é narrado pelo protagonista:

As imagens do 11 de setembro ficarão comigo para sempre. Olhei para a fumaça que saía das Torres Gêmeas e do Pentágono e percebi a expressão sombria dos homens à minha volta enquanto viam pessoas pulando do prédio para a morte. Testemunhei o colapso dos prédios e a espessa nuvem de poeira de destroços que se elevou em seu lugar (SPARKS, 2017, p. 160).

Qual a dor de um soldado que apenas recebe a notícia da morte de seus pais, por causas naturais, e recorda que não teve a oportunidade de se despedir deles ou mais ainda de conviver com eles, enquanto estava na guerra no Afeganistão? Quando analisamos momentos históricos marcados por guerras e massacres tendemos a mirar nossos olhares nas perdas humanas, que são terríveis, mas ignoramos que romances, amizades e outras diferentes formas de afetividades também podem marcar profundamente a vida de diferentes sujeitos, bem como promover fortes rupturas em suas concepções.

Souza e Moraes (2015) consideram que após os ataques de 11 de setembro de 2001, rapidamente os Estados Unidos obtiveram apoio de diferentes países na construção de uma coalizão para a construção de ataques ao Afeganistão que, por sua vez, provocaram novas rupturas e profundas transformações em todo o mundo, atingindo a vida de milhões de pessoas, inclusive de muitos afegãos que não tinham relação alguma com os ataques de 11 de setembro.

*Querido John* é uma obra que dialoga com eventos históricos. Segundo Eco (1994), estas obras podem inventar romances e personagens, mas devem trazer a historicidade dos eventos, como ocorre na obra aqui analisada, que traz também a questão da liquidez da vida contemporânea. Para Bauman (2005), o século XXI é marcado pela

liquidez e pelo crescente esvaziamento de relacionamentos humanos duradouros. O autor considera que o mundo líquido contemporâneo vivencia o esfacelamento das crenças que embasaram o patriotismo, pois o estado-nação viu sua estrutura político-organizacional desarticulada diante da afirmação do capitalismo global, sobretudo a partir do século XXI.

É neste mundo que a narrativa destaca o protagonista, John, o qual tenta encontrar um lugar para si em tempos líquidos, de forma que o serviço militar se torna em um elemento de construção de suas identidades e de sua sociabilidade. Nesse sentido, o apego de John ao serviço militar perpassa a necessidade de se afirmar em um grupo de lealdades que compartilhe identidades, gerando um sentimento de pertencimento a algo maior do que sua vida cotidiana. Sua família é composta por ele e seu pai. John não tem muitos amigos ou não se enxerga compartilhando o cotidiano com grupos de sua idade, de modo que fazer parte de um universo militar, onde um soldado deve estar disposto a dar a vida pelos outros colegas, provoca no protagonista a sensação de encontrar um lugar para si no mundo. Assim, John enxerga a si e a seus companheiros lutando não por ideologias ou pelo país, mas por lealdade e amizade:

O erro que muita gente comete é se perguntar como é que os soldados são capazes de arriscar suas vidas dia após dia, ou como conseguem lutar por algo em que talvez nem acreditam. Ninguém faz isso. Trabalhei com soldados que eram de todos os pontos do espectro político; conheci alguns que odiavam o Exército e outros que estavam ali para fazer carreira. Encontrei gênios e idiotas, mas no fim das contas fazemos o que fazemos uns pelos outros. Por amizade. Não pelo país, não por patriotismo, não porque somos máquinas programadas para matar, mas por causa do cara que está a seu lado. Você luta por seu amigo, para mantê-lo vivo, e ele luta por você (SPARKS, 2017, p. 23).

John anseia por esse lugar para si e deseja que seja compartilhado com outras pessoas, pois, como escreve Bauman (2005, p. 35), seu “anseio por identidade vem de um desejo de segurança”, para que não veja mais somente ele e seu pai em meio a milhões de pessoas. É assim que John se enxerga como devendo ir para a guerra e lutar, como ele mesmo fala, não necessariamente por sentimentos patrióticos, mas pela lealdade que o prende a seus companheiros e que os une a algo supostamente maior do que suas experiências cotidianas proporcionam.

Como afirma Carvalho (2005), pessoas como o protagonista da obra, que atuam como soldados na chamada Guerra ao Terror, muitas vezes se furtam a uma reflexão mais profunda sobre o sentido da guerra ou os danos causados às populações de um país devido aos ataques que sofrem. John nem mesmo problematiza, ao longo da obra, as consequências de uma guerra para pessoas que trabalhavam e seguiam suas vidas no Afeganistão, sem qualquer relação com os grupos que atacaram as Torres Gêmeas, pois

foca apenas no imediato, nas lealdades entre soldados que muitas vezes ignoram os sofrimentos de populações e países.

Mas a guerra provoca rupturas no tempo e também nos planos das pessoas que a vivenciam. Assim, John vive em suspense, pois é como se o tempo o vivesse e ele fosse apenas parte de um processo de assujeitamento e deslocamento. Os ataques de 11 de setembro de 2001 tendem a deter nosso olhar na tragédia das calamidades humanas e dos conflitos armados (HOBSBAWM, 2007); mas, em geral, se costuma ignorar as pessoas que não foram para a guerra, nem foram atacadas por soldados, porém sofreram com os conflitos, como Richard, o pai autista de John, que é obrigado a ter sua rotina duramente alterada para que o filho se tornasse um herói (?) nacional. Este pai, que vive sua necessária rotina, como uma forma de olhar o mundo pela beleza cheia de vida que seus olhos enxergam, como o descreve Savannah, tem no filho mais do que alguém a quem ama muito, pois também é parte de sua estrutura fundamental para a vida toda, e de repente o tem arrancado de si, o que lhe provoca um processo de ruptura espaço-temporal.

Assim, a separação do filho que partiu para a guerra é um sofrimento profundo que o Sr. Tyree é obrigado a vivenciar, pois provoca uma transformação em uma pessoa que precisa organizar as rotinas de sua vida e que ama seu filho, mas não manifesta isso segundo os padrões que se estabeleceram em nossa sociedade. A despedida entre pai e filho traz a emoção expressa de forma diferente daquela padronizada e previsível, dramatizando a cena que tem na guerra seu elemento construtor:

Pela manhã meu pai me levou de carro para o aeroporto e ficou ao meu lado no portão enquanto eu aguardava a chamada para o voo. Quando chegou a hora, meu pai estendeu a mão. Em vez disso, eu o abracei. Seu corpo estava rígido, mas não me importei.

- Eu amo você, pai.

- Também amo você, John.

-Vê se acha algumas moedas boas, está bem? - acrescentei, recuando. - Quero saber tudo sobre elas (SPARKS, 2017, p. 126-127).

Histórias como a de Richard, em um mundo marcado por etnocentrismo, discriminação e exclusão social contra pessoas neuroatípicas, não aparecem nas narrativas públicas, nem nas oficiais ou da grande mídia, porque o olhar ocidental muitas vezes não é direcionado para estas experiências de perdas em vida.

O filho sobreviveu à guerra, mas o pai é forçado a vivenciar o luto de sua perda em vida, dificilmente compreendida por pessoas que se acostumaram a olhar a sociedade somente a partir de ângulos hegemônicos neurotípicos. A separação é uma dor profunda sobre o Sr. Tyree, não manifesta pelos padrões ocidentais corriqueiros e que vai trazer

consequências sérias para toda a sua vida, mesmo que o filho tenha apelado ao hiperfoco que os une, a coleção de moedas do pai, que se transforma em um elo que abre os caminhos para o diálogo entre eles.

Proença, Sousa e Silva (2021), em seu estudo sobre autismo e família, afirmam que a rotina cotidiana é fundamental para pessoas autistas estabelecerem suas lógicas de vida, bem como relacionamentos interpessoais. Os autores destacam ainda a necessidade de familiares e de toda a sociedade compreenderem as especificidades e necessidades das pessoas com autismo para possibilitarem maior aceitação, bem estar e inclusão, de modo a garantir que as suas atividades sejam delimitadas e seu espaço respeitado. Considerando, por exemplo, como no caso do Sr. Tyree, o quanto rupturas, como a provocada pela ida de John à guerra, podem abalar profundamente toda a sua vida.

E os sonhos de um casal de jovens, John e Savannah, que planeja apenas ficar junto, sem saber até onde este romance os conduziria? Suas vidas passam a existir em descompasso com as suas experiências gerando neles narrativas de memórias quebradas pelos acontecimentos que não escolheram, mas foram obrigados a experimentar, e a se reconstruírem em meio a eles. Mas, a vida do casal foi progressivamente se esvaindo até deixarem de ser um casal, pois o tempo e o espaço da guerra os separaram e suas vidas seguiram cursos diferentes, com perdas, casamento, novos planos. A ruptura pela guerra traz transformações profundas e definitivas no relacionamento deles e também nos demais campos pessoais.

Ao analisar o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, em 28 de junho de 1914, o historiador Eric Hobsbawm (1995) relembra o que ele próprio fazia naquele momento e como a sua vida e de sua família foram bruscamente alteradas pelos eventos catastróficos que se seguiram a esse episódio na Europa e se alastraram por todo o planeta. No século XXI, Sparks (2017) convida leitores a imaginarem o cotidiano de milhares de pessoas que têm suas existências alteradas e que se veem obrigadas a pagar o preço por escolhas que não fizeram, tendo sua própria liberdade de decidir reduzida.

É a possibilidade de olhar as memórias de um período a partir de ângulos que nos provocam a olhar as personagens fictícias de Sparks (2017), como Richard, Savannah e John, bem como tantas pessoas reais que vivem/viveram nos Estados Unidos, Afeganistão ou outras partes do mundo e que foram colocadas no meio de eventos históricos ou que viram seus corpos e/ou de pessoas amadas transformados em armas de guerra. Ignoradas pela macropolítica, estas pessoas tentavam seguir suas vidas, com seus trabalhos e suas afetividades, apesar das crescentes dificuldades que eram forçadas a enfrentar.

São as micropolíticas do cotidiano, marcadas por desejos, temores, planos e perdas em meio às guerras, transformações na economia, na política nacional e internacional e nas vidas de milhões de pessoas, marcadas pelo olhar implacável de Clio.

## **2. *Querido John*: para além do romance e da vida militar, a abordagem do Transtorno do Espectro Autista a partir da narrativa dos personagens sr. Tyree e Allan**

No contexto do livro *Querido John*, o escritor Nicholas Sparks aborda não só a relação amorosa entre John e Savannah, a entrada de John no exército dos EUA, a vida militar e o enfrentamento dos conflitos bélicos. Para além desse enredo, o escritor chama atenção para uma temática atual - o Transtorno do Espectro Autista- TEA.

No drama, o escritor aborda o autismo, ou TEA, a partir de dois personagens: o pai de John e Allan (irmão de Tim), com um diferencial entre eles: o pai de John não tem um diagnóstico de TEA; já Alan, apresenta um diagnóstico, com orientações clínicas e educacionais.

No enredo, o autor traz a narrativa a partir da perspectiva de John e destaca seu contexto familiar diferenciado e com peculiaridades. Ele foi abandonado pela mãe quando tinha um ano e criado e educado somente pela figura paterna, que tinha comportamentos e um estilo de vida atípico.

O pai de John, o Sr. Tyree, fisicamente tinha uma postura encurvada, pele e cabelos claros. O perfil psicológico era de uma pessoa introspectiva, pacata, com um estilo de vida solitária e bastante metódico. Tinha inaptidão social e gostava de ficar sozinho. Apresentava dificuldades de ter relações sociais, de demonstrar e receber afeto, assim como de externar emoção, principalmente de expressar afeto ao filho. A rotina doméstica e profissional não se modificava ao longo dos anos e resistia a mudanças. Tinha um hiperfoco: a coleção de moedas e nessa atividade dedicava seu tempo, se concentrava e era capaz de ter gastos financeiros em detrimento do conforto familiar. Não havia convivência com amigos e outros familiares.

Ao lembrar a sua infância, John relata a convivência com o pai: um cotidiano sempre igual ao longo dos anos, como pouca demonstração de afetividade. Cita situações da rotina da casa: a noite sempre o mesmo cardápio no jantar e nessa ocasião gostava de conversar sobre o que ocorria na escola, mas percebia pouco interesse paterno na conversa. O pai sempre cuidava da casa, colocava maços de correspondência na caixa do correio, marcava consulta médica e dentária; porém gostava de ficar sozinho.

A noite, após as obrigações domésticas, o pai ia para o escritório e ficava com a coleção de moedas, que tinha um valor financeiro e afetivo, como dizia John: “sua única paixão na vida”. Algumas vezes o pai aumentava a coleção, comprando moedas caras, mesmo que para isso tivesse que sacrificar o bem estar material da família.

Na narrativa, John expõe a relação com o pai. Descreve situações da convivência afetiva entre eles, na infância e na juventude. Poucas demonstrações de afeto, como beijos e abraços, e quando ocorriam eram sem vida, mas sabia que o pai o amava, só não conseguia demonstrar. Raras vezes brincavam juntos e havia um desinteresse do pai pelas atividades do filho (principalmente sobre as experiências e ações na escola e nas suas relações com amigos). John lembra que aos 8 anos construiu uma casinha de brinquedo num grande carvalho e que o pai não o ajudou.

No âmbito profissional o pai tinha um emprego sólido, o que permitia uma vida digna, porém de escassos recursos econômicos. Moravam perto de um bairro rico, mas a casa deles era pequena, velha e com uma parte da varanda a desmoronar. Na juventude, John relembra que a casa já apresentava sinais de pouco cuidado, como o sofá rasgado, e faltavam eletrodomésticos comuns às famílias de classe média, como micro-ondas e televisão a cabo; além disso, a geladeira era velha.

John se descreve como o oposto do pai: alguém que gostava de se movimentar e detestava ficar sozinho. Sua aparência era simples, não tinha dinheiro para comprar roupas e só comprava um par de sapatos por ano, mas estudava em escola privada. Na sua juventude vieram outros interesses: esportes, garotas, carros e música. Nesse período se conscientizou de que sua condição econômica era diferente da dos seus amigos: não tinha condições de comprar um tênis de marca e roupas da moda, de ir ao cinema ou frequentar o shopping.

Na relação pai e filho, o distanciamento aumentava na medida que se desenvolvia e passava da infância para a juventude. A relação entres pares (amigos) também não era algo bom; pela falta de condição financeira, John tinha baixa autoestima, sentia vergonha, se via diferente e excluído do grupo de amigos, e se afastava deles.

No ensino médio, começou a ter amizades com pessoas erradas, a fumar, a beber e consumir drogas. Além de abandonar os esportes, matar aula e ser suspenso da escola, era considerado um rebelde, sem rumo na vida. O pai percebia as mudanças do filho, mas continuava a fazer o que sempre fazia: falar de moedas, preparar as refeições e cuidar da casa. A revolta contra o pai aumentava, saiu de casa, passou algumas semanas na casa de um amigo; quando voltou ao lar, o pai tentou estabelecer um diálogo, trazendo à tona a

coleção de moedas e ele expressou sua raiva contra a coleção e o pai. Ao rememorar esse período, lembra da expressão de dor do pai naquela ocasião.

O cotidiano familiar marca na narrativa o encontro entre memórias, literatura e história, como no estudos de Sarlo (2016), abrindo um leque de possibilidades para compreender temporalidades, a partir de narrativas literárias que trazem olhares dificilmente encontrados na documentação sobre o período, pois aqui nesta obra literária se aborda o cotidiano, os romances e perdas afetivas de pessoas que viveram na virada do século XX para o XXI.

John adulto, com 20 anos, alista-se no exército e tem um romance com Savannah (universitária de um curso de licenciatura na área da educação especial). No decorrer do namoro, John leva Savannah a sua casa e o apresenta a seu pai. Ela estabelece interação com o sr. Tyree, demonstrando interesse pelas moedas. Na mesma com atitude de carinho e cuidado, comenta com John sobre os sinais de síndrome de Asperger do seu pai.

Sparks, ao narrar esses episódios, não só descreveu atitudes típicas da síndrome de Asperger do sr. Tyree, mas indicou como a falta de identificação/diagnóstico e, conseqüentemente, de orientações clínicas, psicossociais e educacionais impactaram negativamente o modo de viver de ambos e suas relações (familiares, de amigos, e na comunidade). A qualidade de vida não era boa, na infância de John havia sofrimento psíquico; emoções e sentimentos de raiva e frustração, o que provocou problemas no seu desenvolvimento, com prejuízo no processo educativo e formativo.

Pessoas com TEA são identificadas com déficits persistentes na comunicação/ interação social e com padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Nesse sentido, apresentam dificuldades de iniciar interações, de compartilhar afeto e emoção, de se engajar em diálogos. Além desses traços, também apresentam dificuldade de compreensão do outro e de comunicação recíproca, uma postura corporal e não verbal que não estimula a interação, um apego excessivo por objetos, um padrão de rotina exagerado e uma resistência a mudanças no dia a dia, o que pode levar a um prejuízo na esfera social, profissional e em outros campos da vida do indivíduo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA, MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS - DSM-V 2014).

Por apresentarem um conjunto de dificuldades (na socialização, na linguagem, na capacidade de demonstrar e reconhecer expressões de sentimentos, emoção e afeto, na linguagem corporal) e um foco seletivo em situações específicas, em vez da percepção

do todo, os indivíduos com TEA têm sua convivência familiar e comunitária prejudicada (BOSA, 2006, FARO ET AL., 2019).

Essas situações e sinais eram presentes no sr. Tyree, o que impactou negativamente a relação pai e filho, provocou sofrimento e um distanciamento entre eles. As consequências desse estilo familiar influenciaram nos diversos aspectos do desenvolvimento de John, afetando negativamente sua auto percepção, gerando dificuldades de ter amigos e problemas na vida escolar. Havia uma compreensão equivocada dos comportamentos e do estilo de vida do pai.

Segundo Dias (2018), foi somente no final do século XX e principalmente no século XXI que se passou a trabalhar com o conceito de transtorno para os autistas, a partir de pesquisas que buscavam compreender a neurodiversidade e construir um avanço não apenas semântico, como também de respeito às especificidades, em busca de superar termos, práticas e visões preconceituosas e discriminatórias que prejudicam consideravelmente a vida de pessoas com TEA.

O livro de Sparks traz, portanto, em uma obra literária, a possibilidade de refletir sobre os dramas cotidianos vivenciados por pessoas com TEA em um mundo que muitas vezes se pauta apenas superficialmente em discursos sobre a superação de práticas discriminatórias, ao mesmo tempo em que se cultiva em diversas construções sociais a exclusão e marginalização de pessoas com autismo.

Nessa situação, o direcionamento apontado por Menezes (2020) seria a realização do diagnóstico tardio e de intervenções clínicas e psicoeducativas, porém para pessoas adultas com TEA não é tão comum esse procedimento. O trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar (médico, psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, professor especializado em TEA, entre outros). A utilização dessas estratégias pode trazer uma compreensão e aceitação (de si próprio e dos familiares sobre as atitudes do adulto com TEA), uma melhoria na qualidade de vida e nas relações familiares e comunitárias (MENEZES, 2020).

Na dimensão psicoeducativa, as estratégias de enfrentamento após o diagnóstico tardio envolvem a atenção de uma equipe multidisciplinar. A intervenção se direciona para a utilização da Análise Aplicada do comportamento (ABA-Applied Behavior Analysis) para trabalhar habilidades e comportamentos de generalização, comunicação recíproca, atenção compartilhada e comunicação não verbal, entre outros.

As intervenções educacionais devem ser planejadas para serem implementadas de forma individual com uma frequência e intensidade regular, de acordo com as

necessidades do indivíduo com TEA e podem ser realizadas por professores especializados e capacitados, assim como por familiares treinados para melhorar o aprendizado.

Em alguns casos, pode haver a necessidade de tratamentos farmacológicos para amenizar o sofrimento da pessoa que pode ter sintomas como ansiedade, agressividade, entre outros (MENEZES, 2020).

Outro personagem que chama atenção no romance de Sparks é Allan, irmão de Tim (o melhor amigo de Savannah). Allan é autista e tem dificuldades de interagir com as pessoas, mas consegue manter relações com Tim e Savannah. Teve o diagnóstico realizado na infância e contou apoio familiar e intervenção a nível clínico, psicológico e educacional, O autor mostra cenas de afeto, cuidado e compreensão em relação a Allan. Também faz menção ao tratamento - equoterapia para crianças, público alvo da educação especial.

O diagnóstico precoce de crianças autistas ou com TEA e conseqüentemente as intervenções psicoeducativas individualizados e o apoio familiar amenizam as dificuldades proporcionando ferramentas para potencializar o desenvolvimento e aprendizagem da criança (MACHADO, 2019). No aspecto familiar, o apoio multidisciplinar de profissionais especializados auxilia e minimiza as situações de stress entre os membros da família. Outro ponto a destacar refere-se às ações da equipe multidisciplinar, essas se direcionam para as dificuldades específicas das crianças com TEA (BOSA, 2006; FARO ET AL., 2019).

A partir desses dois personagens é possível uma reflexão sobre o conceito de TEA e sobre como é operacionalizado na prática na contemporaneidade, para entender as dinâmicas sociais que envolvem a temática. Esse sentido não pode ser pensado somente a partir das questões clínicas e educacionais, mas também, da condição social, das barreiras socialmente produzidas e das desigualdades sociais.

### **Considerações finais**

Diversos cenários entrelaçam a estrutura narrativa do livro *Querido John*. Um dos temas, o autismo, vem associado a outras questões. O enredo mostra como pessoas do espectro autista, sejam adultos ou crianças, e todo o contexto familiar, são sujeitas à dualidade exclusão x inclusão social. O espectro autista tem que ser visto a partir da presença ou ausência de apoios psicoeducativos e de políticas públicas direcionadas a esse público-alvo. O autismo adulto retratado no personagem Sr. Tyree - pai de John -

mostra a visão de um adulto autista sem os apoios psicoeducacionais necessários a ele e seu grupo familiar. O autismo infantil, representado no personagem Allan, filho de Tim, indica as ações multidisciplinares necessárias a pessoas do espectro autista. Por meio das histórias dos dois personagens podemos refletir sobre os apoios multidisciplinares (psicológico, educativo, social e de saúde, entre outros) necessários e as políticas públicas assertivas no atendimento a pessoas do espectro autista. Assim, o significado do autismo está diretamente relacionado também à questão macro e micro socioeconômica, à ideologia e a questões socioeducacionais mais amplas, o que provoca repercussões psicossociais desiguais e geram diferentes realidades sociais, com reflexos nas condições de vida familiar e pessoal.

Outro foco do livro é o lugar social do jovem, refletido no personagem John. No drama, os episódios da sua história de vida mostram uma família formada pelo pai autista e ele. John desconhecia o diagnóstico do pai, ao longo de seu desenvolvimento, na infância e juventude. O sr. Tyree apresentava baixa capacidade de demonstrar e receber afeto, hiperfoco em coleções de moedas, uma vida simples, sem ambição e economicamente restrita; era preso a rotinas e tinha dificuldades de relacionamento social. Essas atitudes e situações muitas vezes geravam decepção e revolta em John. Na história não há menção de políticas públicas assertivas ou de instituições especializadas para o apoio e atendimento a John e seu pai. Este é um cotidiano da primeira metade do século XXI, pouco abordado quando se fala no ataque às Torres Gêmeas, pois as narrativas não parecem compreender as rotinas de autistas, afetados pela guerra ao Afeganistão.

Na narrativa pode-se pensar que John provavelmente se desenvolveu em um contexto com pouco afeto e que beirava a exclusão social. A percepção de sua posição simbólica, a falta de perspectiva e a busca por uma identidade que o conduzisse a se afirmar em um grupo social direcionam John ao alistamento militar e à participação na guerra. A experiência na vida militar lhe proporciona novos sentidos. Contudo, observa-se que John não reflete criticamente sobre os interesses políticos e econômicos entre nações, a falsa ilusão de patriotismo e a ocultação ideológica dos conflitos, direcionando para os oprimidos a responsabilidade da guerra.

Destaca-se no livro o romance entre John e Savannah. O namoro ocorre em conjuntura histórica, social e política marcada pela guerra e pela disputa de poder econômico e político dos Estados Unidos. A narrativa do namoro de dois jovens evidencia trajetórias opostas no curso do desenvolvimento de ambos: Savannah viveu em condições

socioeconômicos e afetivas favoráveis, tem projetos de vida pessoal e profissional, ao passo que John cresceu em um ambiente com dificuldades de diferentes naturezas (afetivas e materiais). Mesmo com essas discrepâncias, o amor entre o casal transcendeu as diferenças. Contudo, o tempo foi indicando as incompatibilidades entre eles e as rupturas ocorreram, provocadas não só pela guerra, mas também pelas perspectivas de vida assumidas individualmente por cada um deles, com novos caminhos produzidos a partir das condições existentes.

Em suma, o drama do livro nos direciona a refletir sobre o cotidiano enquanto espaço de práticas sociais, de micropolíticas, em que as desigualdades e as diferenças são marcadas por sistemas simbólicos e de exclusão social.

### Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento. 5ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOSA, C. A.. Autismo: intervenções psicoeducacionais. *Brazilian Journal of Psychiatry*. Vol. 28, N. 1, p. 47–53, maio 2006. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNn/?format=pdf&lang=en>. Acesso em 17 mar. 22.

CARVALHO, S. Do crime à guerra: uma análise crítica do discurso político-metafórico dos acontecimentos durante e após o 11 de setembro de 2001. *Philologus*. Vol. 11, N. 33, p. 41-54, set.-dez. 2005. Disponível em [http://www.filologia.org.br/rph/ANO11/33/RPH33\\_em\\_A5.pdf](http://www.filologia.org.br/rph/ANO11/33/RPH33_em_A5.pdf). Acesso em 30 abr. 22.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. 14ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARO, K. C. A.; SANTOS, R. B.; BOSA, C. A.; WAGNER, A.; SILVA, S. S. C. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. *Psico*. Vol. 50, N. 2, p. 30080-30130, 2019. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1008322>. Acesso em 20 mar. 22.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. Tradução Marcos Santarrita. 30ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução José Viegas. 10ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO, G. D. S. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. *Revista Gepesvida*. V. 5, N. 10, p. 100-114, 2019. Disponível em <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/337>. Acesso em 30 mar. 22.

MAS, N. A. *Transtorno do espectro autista: história da construção de um diagnóstico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia/USP, 2018. Disponível em [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas\\_me.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26102018-191739/publico/mas_me.pdf). Acesso em 20 mar. 2023.

MENEZES, M. Z. M. *O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta* (Monografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2020.

PROENÇA, M. F. R.; SOUSA, N. D. S.; SILVA, B. R. da. Autismo: classificação e o convívio familiar. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*. Vol. IV, N. 8, p. 222-231, jan.-mar. 2021. Disponível em <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/230>. Acesso em 13 mar. 23.

SARLO, B. *Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação*. Tradução Mirian Senra. São Paulo: Editora da USP, 2016.

SOUZA, A. de M.; MORAES, R. F. Coalizões globais lideradas pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror (2001-2011): para além do unilateralismo. *Contexto internacional*. Vol. 37, N. 2, p. 763-790, mai.-ago. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cint/a/dMSQ9fsrVmsg7wK9Df5Gd8Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 mar. 2023.

SPARKS, N. *Querido John*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Arqueiro, 2017.